

MOVIMENTO DE CONTESTAÇÃO OU AGRESSÃO AO CORPO?

Uma discussão sobre a *Body Modification* e a arte da performance na década de 90

CARLA RUIZ MARTIN*

Palavras – chave: Modificação corporal, body art, década de 90

Introdução

Percebe-se, a partir da segunda metade do século XX, a popularização de práticas corporais que podem ser relacionadas a mudanças na aparência física, como as tatuagens, e a rapidez com que a moda dita tendências. E no campo das artes, vemos a performance tomar um espaço de destaque.

Na década de 90, o corpo começa a ser tema bastante discutido, a padronização corporal é imposta por uma sociedade capitalista extremamente consumista; a cirurgia plástica tem seu auge também nesse período em que o medo de não pertencer à sociedade cujo belo é ser magro e ter o corpo esculpido, e também cujo medo da velhice é presente.

O presente artigo trata do estudo de um movimento contrário a esse corpo modelado e padronizado da década de 90, a *body modification*, e também de manifestações artísticas que utilizam o corpo como forma de contestação a padrões sociais, a performance.

Como fonte principal para este trabalho contamos com entrevista realizada com duas pessoas de destaque na cena da modificação corporal brasileira, Thiago Soares, o T.Angel que é *performer* e adepto dessas práticas desde 1997 e a *Body Piercer* Zuba, que trabalha com modificação corporal desde 1992 e é uma das precursoras da técnica em São Paulo.

*Graduada em História pela Universidade Cidade de São Paulo. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

Práticas corporais: A Body Art e a Body Modification

O tema do corpo na arte é um fenômeno com valor desalienante, que une a produção a seu produto, ou seja, liga o corpo humano a seus comportamentos.

Jorge Glusberg

As práticas e rituais envolvendo o corpo estão presentes em nossa cultura há muito tempo. É possível pensar em um número ínfimo de maneiras de manipular o corpo, seja mudando sua forma original, utilizando-se de adornos para deixá-lo mais belo, ou para diferenciar-se do padrão social, seja trabalhando-o de forma artística, para contestar algum estigma da sociedade ou realizar um trabalho teatral.

Pensando nas maneiras de trabalhar com o corpo, podemos abordar duas manifestações importantes no século XX, a *Body Art* e a *Body Modification*, que podem dialogar entre si, porém não são práticas iguais. Pessoas que fazem mudanças no corpo como tatuagens ou *piercings*, ou mesmo as cirurgias plásticas, seja por motivos estéticos ou não, são adeptos da *Body Modification*, termo bastante amplo:

O termo “*body modification*” se refere a uma longa lista de práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*, o *cutting*, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *body building*, a anorexia e o jejum – formas pela qual a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo. (FEATHERSTONE *apud* BRAZ 2006, p. 1-2)

Dentre as práticas citadas por Featherstone para modificar o corpo, observamos que tatuagens, *piercings*, *escarificação*, implantes e também os rituais de suspensão que não aparecem nessa definição são os principais componentes dessa lista. Os adeptos dessas práticas são chamados de *Modern Primitives*, termo criado por Fakir Musafar e utilizado para:

[...] indicar o modo de vida de indivíduos que, mesmo sendo membros de uma sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como centro de suas experiências. Esses indivíduos, que associam o conhecimento às sensações, respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais, se permitem qualquer tipo de manipulação corporal. (PIRES 2005, p. 102)

Para Pires (2005), as artes visuais causam impacto nas pessoas, trabalham com diversos sentidos do espectador, como repulsa, encanto ou mesmo a indiferença, porém para ela a linguagem que utiliza o corpo como suporte para a arte é a que mais causa impacto, afinal o corpo confere um caráter sagrado e “a nossa cultura há séculos determina que o corpo seja preservado da exposição pública, pois ele é o reduto da intimidade e da dor.” (p.22)

T. Angel, em entrevista feita para esta pesquisa, também fala um pouco sobre o padrão ocidental, no qual as pessoas fazem de tudo para ficarem bonitas de acordo com o ideal estabelecido, cortando e perfurando o corpo – que para ele também é sacralizado - tanto ou até muito mais do que os adeptos da *Body Modification*, que a fazem para ficar diferentes.

“Eu acho que a plástica, ela vai estar pro sujeito como um elemento da modificação corporal. A única diferença é que a cirurgia plástica, ela é socialmente aceitável, porque ainda tá dentro do preceito cristão, branco, moral e bla bla bla, e a modificação corporal, como você interfere de uma forma que justamente agride o corpo, a cirurgia plástica agride tanto quanto. Mas enfim, foge da coisa cristã, do corpo limpo, corpo puro lalala, e aí vai ter um preconceito social [...]” (T. Angel, 16/04/2010)

Na *Body Modification* existe o conceito de extremo e não extremo. *Piercings* e tatuagens seriam já aceitos pela sociedade, não se enquadrando nas modificações extremas. Já *piercings* em locais menos comuns, escarificação, implante e rituais de suspensão seriam considerados práticas extremas, que chocam.

Para T. Angel “tudo o que você pode colocar como cirúrgico, implante, o *tongue split* (língua bifurcada) é extremo, e tatuagem e *piercing* seria o não extremo, já que é só perfurar e marcar”.

Zuba nos mostra o que era extremo na década de 90, período que inicia seu trabalho como *Body Piercer*, e o que ela considera extremo hoje:

“Olha, naquela época extremo, que as pessoas ficavam assim muito... é, achavam muito estranho, na época dei até uma entrevista sobre isso, era o *piercing* genital. Nossa, *piercing* genital, imagina... as pessoas achavam muito estranho, ficavam muito assustadas. O extremo hoje em dia é mutilação, aqui tem quem faça. Já me procuraram e me nego a fazer.” (Zuba, 04/02/2010)

Partindo do conceito de representação adotado por alguns adeptos da *Body Mod*, podemos refletir sobre os entusiastas das práticas corporais, com intenção de passar uma

mensagem maior, de cunho social, como ocorre através da *Body Art* e da arte da performance.

“A performance é um questionamento do natural e, ao mesmo tempo, uma proposta artística. Isso não deve causar surpresas: é inerente ao processo artístico o colocar em crise os dogmas – principalmente os dogmas comportamentais.” (GLUSBERG, 2009, p.58)

A Performance e a *Body Art* possuem um tom contestatório e não somente estético, como pode ocorrer com a *Body Modification*. Durante as performances, muitos artistas unem arte e vida, transformando rituais do nosso cotidiano em arte. A performance também pode causar repulsa ao público que a assiste, por trabalhar com fluidos corporais, como sangue, urina ou excrementos.

Segundo Le Breton (2003), as performances trazem questionamentos em torno da identidade pessoal e social do indivíduo, identidade sexual, as barreiras de gênero, os limites corporais, a resistência física, o pudor, a dor, a morte e a relação do corpo com objetos, entre outros.

“O denominador comum de todas essas propostas era o de desfeticizar o corpo humano – eliminando toda exaltação à beleza a que ele foi elevado durante séculos pela literatura, pintura e escultura – para trazê-lo à sua verdadeira função: a de instrumento do homem, do qual, por sua vez, depende o homem. Em outras palavras, a *body art* se constitui numa atividade cujo objeto é aquele que geralmente usamos como instrumento.” (GLUSBERG, 2009, p.42/43)

A Performance é um campo vasto, onde estão incluídas as artes do teatro e da dança, todas envolvendo o corpo, porém de formas diferentes. Para alguns estudiosos e performers, a *Body Art* ligada à performance é a que envolve os limites do corpo, ou mesmo os limites do espectador, não apenas uma atuação. É aquela que envolve o individual do artista e seus espectadores, na qual ambos se expõem, o primeiro através da obra e o segundo transmitindo sua sensação ao presenciar o evento.

A *Body Art* possui então um tom pessoal, autobiográfico, mostra o pensamento do artista. “O indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ao criar ‘narrativas próprias’ que contenham sua compreensão do próprio passado, presente e futuro.” (CRANE, 2006, p.37).

Breve histórico da Body Modification e da Performance

Ao pensar modificação corporal, não podemos falar somente de tatuagens, *piercings* ou cirurgias plásticas. Muitas práticas que modificam o corpo são usadas em culturas diversas e desde tempos remotos. Podemos citar alguns exemplos, como os *corsets* usados para modelar a cintura da mulher, os sapatos chineses que mantêm os pés pequenos ou mesmo as argolas usadas no pescoço das mulheres girafa.

Fazer um histórico da arte performática é também bastante complicado, pois não há um marco que defina a origem desse tipo de manifestação artística. Algumas ações ocorreram durante o futurismo e Marinetti era seu maior representante.

Na década de 20, Marcel Duchamp raspou seu cabelo em forma de estrela, mostrando que artista e obra se fundem em uma mesma realidade, e que o próprio artista pode ter a presença estética, ser a própria tela. Ainda na década de 20, Duchamp se deixa fotografar como mulher. “*Rose Sélavy*, transformando em arte a experiência da encenação do sexo oposto.” (SANTAELLA, 2003, p.253).

Em 1931 no Brasil, Flávio de Carvalho realiza uma performance na região central de São Paulo, andando em uma procissão no sentido oposto a todos e ainda, vestindo uma boina, o que era inaceitável para os fiéis. Flávio de Carvalho estudava o comportamento humano, a reação diante de situações extremas, como esta, denominada ‘Experiência nº 2.

No período da segunda guerra mundial a tatuagem era utilizada como forma de diferenciação e de exclusão social. As ditas minorias, ao chegarem no campo de concentração, eram marcadas por um número tatuado em seu antebraço, para mostrar-lhes o pertencimento à escória social.

Na década de 50, a *Action Painting* de Pollock é quem chama a atenção na arte performática, já que através dela, o pintor que rompe com padrões da pintura, derrama tinta em vez de passá-la com pincel e caneta.

Para Alan Kaprow, o artista deve passar da expressão corporal na pintura somente, para trabalhar com os outros sentidos, visão, som, movimentos, odores. A lista de materiais se expande, não tendo limites para a nova arte, o *happening*. Kaprow diz

que “um *Happening* não pode ser reproduzido” e que “as linhas entre arte e vida devem ser mantidas tão fluidas e talvez tão indistintas quanto possível.” (SANTAELLA, 2003, p.254)

Na Europa, movimento semelhante já ocorria: o *Fluxus*, que contou com a adesão de artistas, cineastas e músicos, como John Cage. O *Fluxus* era um movimento antiarte, já que ele não era propriedade de nenhum museu e galeria. Hoje, a performance já pode ser adquirida por museus[†].

Também nesse período no Brasil, é lançado o manifesto neoconcreto, que pensava a arte não mais como objeto, mas como um ‘quase-corpo’. Pensando em obras que incluam a participação do público, podemos citar Hélio Oiticica com os Parangolés e Lygia Clark com seus objetos relacionais. Ambos não são *performers*, mas serviram de influência para os novos artistas, por trabalhar suas obras com a participação do público.

Flávio de Carvalho, em 1956 faz uma nova performance que lembra muito os *happenings* norte-americanos, ele a chama de ‘experiência nº3. Para tal, cria o *New Look*, que seria uma roupa adequada para o homem dos trópicos, já que no Brasil, muitos homens usavam terno durante o nosso verão muito quente, ele a desfila pelas ruas do centro de São Paulo.

Durante a década de 60 na Europa, temos o grupo de Viena, o Wiener Aktionismus formado por Hermann Nitsch, Otto Mühl, Gunter Brüs e Rudolf Schwarzkogler. Seus trabalhos quebravam tabus sociais e trabalhavam com práticas de automutilação e auto-sacrifício

A modificação corporal, paralelamente com a revolução sexual, traz um interesse por acessórios fetichistas, algumas práticas como sadomasoquismo e voyeurismo. No corpo usam-se acessórios como roupas de couro, transparências, *piercings* e tatuagens.

[†] Ao assistir uma palestra no MAM-SP, como participante do curso de formação de educadores para a 29º Bienal, soube que o museu já possui uma performance em seu acervo. Esse tema gera grande discussão, afinal a performance agora só pode ser encenada lá, em datas específicas, o que foge completamente da idéia inicial do que seria uma performance, espontânea e com intenção de passar uma mensagem ao público.

Em 1970 o Teatro Oficina em parceria com o Living Theatre executa uma performance intitulada 'Favela' que consistia em envolver o cotidiano dos moradores à atuação dos atores. Foram presos e expulsos do país.

Outro exemplo é o de Antonio Manuel, que inscreveu seu próprio corpo como obra no XIX Salão Nacional de Arte Moderna. Após a recusa de seu trabalho, o artista se coloca nu nos corredores do evento, sua performance, *Corpobra* se mostra um exercício de liberdade diante do regime vivido.

Outros trabalhos de cunho político são importantes no Brasil durante a ditadura militar. Artur Barrio, com sua *Situação T/TI* embrulhava pedaços de carne em trouxas e abandonava pela cidade, fazendo referência aos crimes dos militares.

Cildo Meirelles com Inserções em *Circuitos Ideológicos* transmite mensagens políticas através de itens de uso cotidiano e de alta circulação, tais como cédulas monetárias e garrafas de coca-cola.

No cenário internacional, a agora *Body Art*, consistia em o corpo não ser mais tão importante quanto o que é feito com ele. A *Body Art* é muito mais pessoal e biográfica que a performance e nela aplica-se o uso de outros materiais, como o vídeo:

“A performance de Barry Le Va, *Velocity Piece 1 e 2* (1969, 1970): ao correr de um lado para o outro de uma sala, batendo violentamente seu corpo contra duas paredes a uma distância de 15m uma da outra. Essa ação durou até sua resistência se esgotar. Um equipamento estéreo gravava os sons de seus movimentos no espaço, ao mesmo tempo em que sua atividade ficava visualmente registrada nas manchas de sangue com que seu corpo marcava a parede.” (SANTAELLA, 2003, p.258)

Os trabalhos femininos começam a ganhar destaque, e elas exploram a diferença corporal que possuem diante dos homens. Elas trabalhavam a “nudez e o abjeto sob o ponto de vista da ação e do olhar femininos”. (ibid, p.263).

Em *Interior scroll* Scheneemann fica nua em pé sobre uma mesa, retira da vagina um estreito e comprido rolo de papel com texto de autoria própria sobre sua percepção dessa parte íntima da mulher. A performance consiste na leitura desse material.

A artista plástica Orlan, que realiza cirurgias plásticas, reconstruindo o corpo, chamando a atenção do espectador para os múltiplos processos cirúrgicos aos quais

algumas pessoas se submetem para alcançar o corpo ideal. Ela inspira-se em formas ligadas à história da arte, sem medo de transformar inclusive seu rosto.

Uma performance de Marina Abramovic que obteve grande repercussão foi *Rhythm 0*. Nela, a artista se coloca ao lado de uma mesa com diversos objetos de provocação: uma arma, uma bala, uma serra, um garfo, uma escova, um chicote, um batom, um vidro de perfume, tinta, facas, fósforos, uma pena, uma rosa, uma vela, água, correntes, pregos agulhas, tesouras, mel, uvas, gesso, enxofre e azeite, entre outros objetos e materiais. Um texto escrito na parede dizia: “Há 72 objetos na mesa que podem ser usados em mim como desejados. Eu sou o objeto.”[‡]

Ao falar sobre mulheres importantes no campo da performance, não podemos nos esquecer de Marcia X no Brasil, que explora relações entre arte, erotismo e religião. Na performance *Desenhando com terços* a artista “desenha” imagens de pênis utilizando-se de terços. Após sua morte, um registro fotográfico dessa performance seria exibido na exposição *Erotica, os sentidos na arte* no CCBB, porém o próprio centro cultural censurou a obra.

Na década de 70, Fakir Musafar faz sua primeira apresentação pública em São Francisco. Em 1973, Jim Ward funda a revista *Piercing Fans Internacional Quartely*. Nesse período a tatuagem também começa a sair da clandestinidade.

Na década de 80 a arte começa a retornar às origens da pintura e escultura, e também volta a ser tida como objeto de consumo. As ações nesse período nos remetem mais à valorização do consumo e do mundo da moda, que começa a ditar regras. Aumenta o uso de recursos como o vídeo e a fotografia.

No Brasil na década de 80, a reabertura política possibilita uma profusão de novas atividades artísticas e alguns incentivos como os eventos: “II ciclo de performances no Sesc de São Paulo e o VI Salão Nacional de Artes Plásticas – INAP/Funarte no Rio de Janeiro que, segundo Darriba, conferiu o prêmio Gustavo Capanema especial para performance ao artista José Eduardo Garcia de Moraes, nome indispensável ao falar sobre arte contemporânea brasileira.

[‡] Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/8665323/O-Ataque-Ao-Corpo-Na-Body-Art>- acessado no dia 14/05/2010

Década de 90. Ainda contestamos algo? Opiniões divergentes sobre o mesmo tema

A década de 90 é marcada por movimentos sociais isolados, tais como ONGs, movimentos de combate a AIDS, de auxílio a comunidades carentes; porém não há mais uma grande movimentação política como a vista no período ditatorial.

Na cultura e nas artes percebemos grande influência da arte de rua, o axé faz um tremendo sucesso, consolidando no cenário musical brasileiro bandas como É o Tchan, com suas coreografias ensaiadas e em seguida, dando abertura depois ao *Funk*, ritmo carioca que ganha o cenário brasileiro também com letras que remetem a temas como sexo e desvalorização da mulher e coreografias ensaiadas.

As pessoas nesse período consomem principalmente por status, para inserir-se em contextos sociais. Percebe-se a padronização da moda e do que é considerado *in*. Também nesse período a valorização do corpo malhado, sarado é concebida e “[...] numa sociedade onde o corpo malhado apresenta-se como objeto de adoração e classificação, não possuí-lo é não estar inserido.” (BERGER, 2006, p.63)

Devido a essa padronização, e a estética imposta no período juntamente com os avanços tecnológicos e na medicina, inicia-se o boom da cirurgia plástica no Brasil. Nesse período há uma super valorização da juventude, este culto ao corpo, o medo que as pessoas adquiram de envelhecer e mostrar as marcas que a idade traz faz com que elas se submetam a diversas cirurgias plásticas no rosto também.

Podemos pensar em alguns grupos que iniciam com a *Body Modification* no Brasil nesse período para diferenciar-se do padrão estabelecido. Já tínhamos os punks e os roqueiros que eram adeptos da *Body Mod*, mas somente de *piercings* e tatuagens.

Zuba e André Meyer são os precursores da técnica do *piercing* no Brasil, ela trouxe a técnica pra cá de Londres, onde morou de 1990 a 1992, e antes desse período ela se lembra dos punks que perfuravam o corpo com alfinetes e não de maneira adequada.

“Eu tinha um amigo punk em 87, nossa ele enfiava alfinete em cada lugar, ele era todo marcado, assim, porque cada vez ele enfiava alfinete em um lugar e deixava, e aquilo lá apodrecia né? Inflamava aquele ferro, e tirava, aí ficava tudo marcado, aquele retardado (risos).” (Zuba, 04/02/2010)

Para Zuba, o Mercado Mundo Mix foi um dos maiores responsáveis pela expansão das técnicas de modificação corporal presentes, o Mundo Mix e a noite paulistana divulgaram a prática do *piercing* em São Paulo. E os *clubbers* e *cybers*, que também são grupos que se diferenciavam do padrão imposto no período, são os destaques desse período.

T. Angel comprova a importância do Mercado Mundo Mix ao relatar que seu primeiro *piercing* foi feito após uma visita ao mesmo em 1997, quando ele tinha 15 anos e iniciou seu processo de modificações corporais.

Na segunda metade dessa década, o *piercing* já não era a única técnica de *Body Mod* presente, as técnicas agora discutidas são outras, como esscarificação que pode ser obtida através de incisões – *cutting* – ou de queimaduras – *branding* – o *pocketing*, técnica que fica entre o *piercing* e o implante e o próprio implante, *transdermal* ou *subdermal*.

Após a popularização do *piercing* em São Paulo, podemos perceber uma preocupação maior por parte dos profissionais, que também incentivaram os adeptos, com a higiene e certa medicalização dos procedimentos. Antes, como Zuba relata, os estúdios de tatuagem se preocupavam muito com aquele visual underground, com demônios na parede e depois estes lugares passaram a ter cara de clínica, bem branquinhos.

Segundo Braz (2006), o processo de medicalização da prática da *Body Modification* pode vir como resposta a críticas de médicos, psicólogos, psiquiatras a respeito da mesma, que alegam um problema social o debate em torno da ‘mutilação’ do corpo. Ele cita um estudo de Pitts:

“As formas de adorno mais invasivas, permanentes ou não-normativas, como *escarificação* e *branding*, têm sido socialmente problematizadas. Meu estudo de uma amostra de 35 artigos de jornal a respeito da *Body Modification* publicados entre 1993 e 1998 encontrou que a maioria deles diz respeito a essa controvérsia ou choque de valores, e que um número significativo apresenta a *Body Modification* como um problema social. Além disso, o assunto mais recorrente é que os adeptos podem estar engajando em automutilação e por isso podem ser mentalmente doentes” (p.74)

Partindo deste questionamento, podemos pensar como os praticantes vivem o preconceito na área de trabalho, afinal muitos adeptos relatam que tem dificuldade para conseguir emprego devido às marcas corporais, além do preconceito social ou dentro da própria família.

“Na nossa sociedade, a tatuagem é um dos principais indicadores de alguns grupos sociais e é altamente refutada e mal-vista por outros grupos no interior dessa mesma sociedade. Só para citar um exemplo, quando uma pessoa resolve doar sangue em qualquer hospital ou banco de sangue, tem primeiro que responder um extenso questionário que mapeia, além de doenças que possam ser transmitidas pelo sangue, padrões de comportamento que possam indicar pertencimento a grupos considerados de risco pela sociedade mais ampla. Pergunta-se, entre outras coisas, se a pessoa porta alguma tatuagem. Se a resposta for positiva, as perguntas seguintes abordam se a pessoa já manteve relacionamentos sexuais-afetivos com pessoas que tenham tido passagem pela polícia, com homossexuais ou se tem AIDS[...]” (BERGER, 2007, p. 15)

Ao falar de preconceito, T. Angel reflete sobre a sociedade capitalista e o padrão de trabalhadores que a mesma pretende ter:

“Eu sofri um monte de preconceito, poxa, ah vou discutir capitalismo agora? (risos). Mas é verdade, não tem como não falar, é o sistema do capital, eles querem pessoas iguais, para desempenhar funções que as pessoas não pensem, não questionem. E não sei se assusta de repente chegar um corpo diferente, e de repente, sei lá, a empresa por pensar que pessoa tem um corpo diferente, ela vá ser uma pessoa diferente, vai ser, não tem jeito. Eu acho que o preconceito já nasce daí, do capital querer pessoas iguais assim, que não questionem nada, fantoches.” (T. Angel, 16/04/2010)

A modificação corporal extrema e as performances na década de 90 trabalham com o conceito do irreal, do corpo multimídia, adaptado aos avanços tecnológicos. Os artistas desse período como Stelarc trabalham com tecnologia ligada ao corpo, para ele o corpo é “uma espécie de carapaça anacrônica da qual é urgente se livrar”. (apud LE BRETON, 2003, p.50)

Stelarc trabalha o tema da máquina humana, transformando-se em *ciborgue*. Suas funções fisiológicas são substituídas pela tecnologia, mostrando-nos a pós-modernidade, o ser humano interagindo com a tecnologia com seu corpo ligado a computadores.

Em 1997 Marc Quinn apresenta sua obra *Self*, na exposição intitulada *Sensation* na Royal Academy of Art, em Londres que consistia em uma escultura de sua cabeça feita com 4.5 litros do seu sangue, quantia essa, que equivale a quantia média total do

corpo. Para manter a escultura em estado sólido a mesma é conectada a um sistema frigorífico.

T.Angel também já questionou o corpo artificial em suas performances, ao falar de suas modificações, cita os chips que vai ter no coração o transformando em meio humano, meio robótico. Este procedimento é parte de um processo de transformações que ele realiza que virarão um livro. Ele também fala sobre a performance *Art.ficial*:

“[...] eu fiz uma performance que eu construí o sistema venoso externo artificial, e eu usava os buracos novos que eu tenho no corpo, eu passava o caninho pelo nariz, pelo buraco da orelha de dentro, pelo mamilo, então é toda uma construção externa artificial que só foi possível porque eu tenho modificação corporal, pra fazer até a discussão que eu queria, sobre a artificialidade do corpo.” (T.Angel, 16/04/2010)

Ao abordar a contestação presente na modificação corporal, podemos pensar na diferenciação entre *Body Art* e *Body Modification*. T.Angel, como *performer*, defende o tom contestatório presente na *Body Art* e mostra que há diferenças entre a arte performática e a *Body Modification* feita por si só, como estética:

“[...] a *Body Modification* pode ser uma cirurgia plástica, para manter a norma social, do que é belo, do padrão de beleza. E aí não tem função nenhuma, você tá seguindo a fila. Agora quando você, por exemplo, coloca chifre, eu acho que você tá fazendo uma puta discussão, por mais que você nem pense nisso sabe? “Ah eu fiz porque queria discutir o cristianismo e blábláblá”. Por mais que você não pense nisso. Mas você fazendo isso, já está fazendo uma discussão. É... Mas eu acho que a *body art*, ela vai estabelecer discussões mais profundas e mais conscientes assim, se for pensar.” (T.Angel, 16/04/2010)

Refletindo sobre a *Body Modification* estética e contestatória, Zuba relaciona a *Body Mod* como forma de rebeldia, para chocar socialmente, chamar atenção para aquele corpo diferenciado, ou então o mais importante para mostrar contestação seria a simbologia da modificação, como ela relata:

“Uma vez um cara quis fazer uma escarificação duma... da anarquia no peito. Aí fiz, porque ele queria um... anarquista total o cara! Tudo ele se baseava na anarquia na vida dele. Aí teve um garoto né? Na época ele tinha o que? Uns 16, 17 anos. Ele falou: “meu pai odeia que fure a orelha. Odeia! Ele é separado da minha mãe, eu odeio ele, então eu quero furar a orelha. E dos dois lados ainda. (risos) Que é pra ele falar bastante.”Então vai lá e põe o... fura a orelha e vai mostrar pro teu pai. “Depois eu tiro, porque eu não gosto!” Foi só pra encher o saco do pai. Então tem gente que faz pra contestar alguma coisa de alguma maneira, seja o que for.” (Zuba, 04/02/2010)

As motivações para realizar uma modificação corporal são variadas, podendo ser estética, marcar um período na vida, discutir alguma questão social ou inserir-se em um

grupo. A motivação de T.Angel hoje é discutir questões sociais. Para ele o corpo “está ok. Mas falta alguma coisa pra ser completo” e “esse processo vai até a morte”. A motivação de Zuba é estética, de decorar o corpo, concordando com a frase de Fakir Musafar “o corpo é tua casa, a tua casa é como você quiser, não fazer isso é não viver”:

Para Zuba, a maior preocupação que a popularização do movimento da *Body Modification* trouxe é essa questão da higiene, da preocupação com quem trabalha clandestinamente. A vigilância sanitária hoje fiscaliza melhor as condições de trabalho dos profissionais, o que para muitos não é interessante.

Uma das preocupações de T.Angel é a moda da modificação, pessoas muito novas enchendo o corpo de tatuagens e *piercings* e correndo o risco de arrepende-se depois. Para ele, ter muita tatuagem, por exemplo, torna a pessoa uma celebridade, a mesma vai ter seu Orkut acessado, o Facebook[§] cheio de amigos, o que incentiva adolescentes a iniciarem-se no meio sem muita maturidade e percepção de corpo.

Conclusão

Através da análise das entrevistas, foi possível perceber como as opiniões sobre este tema podem ser diferenciadas e como ainda os adeptos da modificação corporal em qualquer uma de suas formas sofrem preconceito na sociedade contemporânea.

Pudemos perceber também como a modificação corporal foi popularizada e como algumas práticas foram inseridas no padrão de beleza vigente, fazendo com que outras pessoas busquem métodos mais dolorosos e diferenciados com intenção de chocar as outras pessoas, mas respeitando seus próprios padrões estéticos.

Pudemos concluir que a *Body Modification* pode ser associada a um movimento de contestação, quando unida a arte da performance, quando estuda-se o corpo para tentar transmitir uma mensagem através de seu uso, e também pode ser associada a um movimento estético, sendo passível de comercialização e tornando-se elemento componente do padrão estético vigente.

[§] Dessas redes sociais, o Orkut é bastante difundido no Brasil e o Facebook ganha espaço agora no Brasil, mas mundialmente é uma das maiores redes de contatos sociais existentes no momento.

Algumas lacunas não foram supridas por este artigo, o papel dos rituais trazidos de populações ditas primitivas, o quanto a modificação corporal pode ser associada a questão sexual e a opinião de quem não é pertencente ao meio merecem mais atenção, assim como a escassez de fontes que estudem o corpo também incentiva e dá margem a estudos futuros.

Referências

Fontes

Entrevista com Zuba – concedida no dia 04 de fevereiro de 2010.

Entrevista com T. Angel – concedida no dia 16 de abril de 2010.

Bibliografia

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea. Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

AVELAR, Suzana. **Moda e Globalização. E Novas Tecnologias**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal – Ensaio Sobre os Fenômenos Extremos**. Campinas: Papirus, 1990

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BERMAN, Marshall. **Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia – Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da Pele – Um Olhar Antropológico Sobre a Body Modification em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2006

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo – Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papirus, 2003

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia**. São Paulo: Senac, 2001

COHEN, Renato. **Performance Como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social – Classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006

DAGNINO, Evelina (org). **Anos 90 – Política e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2009

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FRANÇA, Letícia Souto Ribeiro de. **As Práticas Profissionais de Modificações Corporais: Entre a Biossegurança e as Técnicas de Si**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 2008

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009

GOLDBERG, Roselee. **A Arte da Performance. Do Futurismo ao Presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

HUBERT, Henri e MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício**. Cosac e Naify, 2005

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo – Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo Como Suporte da Arte**. São Paulo: Senac, 2005

_____. **Corpo Inciso, Vazado, Transmudado – Inscrições e Temporalidades**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2006

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação – Sintoma da Cultura**. 3º Ed. São Paulo: Paulus, 2004

_____. **Culturas e Artes do Pós Humano. Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O Que é Pós Moderno**. 17ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1997

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI – No loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da Utopia – A Militância política de jovens nos anos 90**. São Paulo: Hacker Editores, 1999

STIGLITZ, Joseph E. **Os Exuberantes anos 90. Uma Nova Interpretação da Década Mais Próspera da História**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

VILLAÇA, Nízia. **A Edição do Corpo. Tecnociência, Artes e Moda**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2007

Artigos

ANDRIEU, Bernard. **Em Direção á Auto-Saúde: O Capitalismo do Si Corporal**. IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte Vol1, Ed.2.
<http://www.iararevista.sp.senac.br/ed2/pt/contcomp/auto-saude.html> - acessado em 17/02/2009

ANTONELLO, Carla. **O Corpo na Linguagem da Performance em Interação com Cibercenários**. Coletivo do Mestrado em Artes
http://br.geocities.com/coma_arte/textos/carlaantonello.pdf - acessado em 17/02/2009

ARANTES, Priscila; AVELLAR Suzana. **O Corpo Globalizado: da Vanguardas do Início do Século XX aos Wearable Computers**. Revista Fashion Theory Vol.3 Número 4: Dezembro, 2004

BARBOSA, Andreza. **A (Des)articulação do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90)**. Revista Educação: Teoria e prática – vol.10, nº1: jan-jun, 2007

BERGER, Mirela. **Tatuagem: A Memória na Pele**. Ponta da Fruta: Universidade Federal do Espírito Santo: Maio, 2007
http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/tatuagem_a_memoria_na_pele.pdf - acessado em 17/02/2009

CARVALHO, Rodrigo de. **Dez anos do impeachment de Collor**. Revista Princípios nº66, 2002. http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=66&cod_not=87 – acessado em 28/05/2009.

CASTELFRANCHI, Yuriy. **O Piercing e Cruz: A Dor Que Não se Evita**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.
<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edição=24&id=271> – acessado em 17/02/2009

CÉSAR, João Batista. **É Transgressão ou Arte?**. Jornal da Unicamp: Dezembro, 2001
http://www.unicamp.br/unicamp/Unicamp_hoje/ju/dez2001/unihoje_ju169pag04.html –
acessado em 17/02/2009

DARRIBA, Paula. **Um Breve Panorama Sobre a Performance no Brasil.**
<http://www.ia.unesp.br/@rquivo@/pdf/darriba.pdf> - acessado em 12/05/2010

DOSSIN, Francielly Rocha; RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Corporalidades no Urbano Contemporâneo: A Body Modification e os Modern Primitives.** IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de Maio de 2008, Faculdade de Comunicação UFBA, Salvador – Bahia – Brasil

LOPES, Antonio Herculano. **Performance e História (Ou Como a Onça, de um Salto, Foi ao Rio do Príncipe do Século e Ainda Voltou Pra Contar História.**
<http://www.casaderuibarbosa.gov.br> – acessado em 12/10/2009 às 22:43

MISKOLCI, Richard. **Estéticas e Estilos de Vida – As Relações Entre Moda, Corpo e Identidade Social.** IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte Vol1, Ed.2.
http://www.iararevista.sp.senac.br/ed2/pdfs/03_versao%20final.pdf – acessado em 17/02/2009

MIZRACH, Steve. **Modern Primitives: The Accelerating Collision of Past and Future in the Postmodern Era.** http://www.fiu.edu/~mizrachs/Modern_Primitives.html - acessado em 17/02/2009

SANTOS, José Mário Peixoto. **Breve Histórico da “Performance Art” no Brasil e no Mundo.** http://www.revistaohun.ufba.br/01_Artigo_Ze_Mario_Ohun_4.pdf - acessado em 18/05/2010